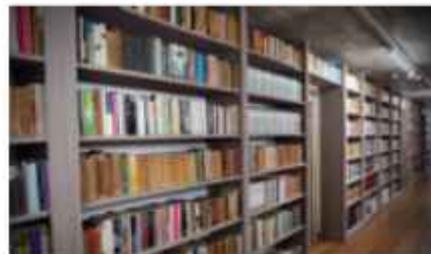


NOTÍCIAS DO MUSEU



DOAÇÃO AO MAH DA BIBLIOTECA PARTICULAR DE JOSÉ COELHO DE FRAGA

O Museu de Angra do Heroísmo viu enriquecido o seu fundo documental com a doação da biblioteca particular de José Coelho de Fraga, composta por cerca de 4000 obras, pelos seus filhos Natércia Fraga, Jorge Leonardo Fraga, Eduarda Amélia Fraga e José Henrique Fraga.

A mesma, verdadeiramente eclética e especialmente rica nas áreas da literatura, ensaio, linguística, filosofia, história, política e arte, encontra-se acessível, mediante requisição, para fins de consulta documental e leitura recreativa.

RESTAURO DAS ARMAS DE SÃO FRANCISCO

O brasão de armas da Ordem Franciscana, que simboliza a conformidade da sua ação com a mensagem do Crucificado, foi removido temporariamente por questões de segurança da fachada da Igreja de Nossa Senhora da Guia, estando a ser submetido a um processo de restauro, após o que voltará ao seu local original.

Os dois braços esculpidos em madeira de carvalho, com o cerca de 1,15 m, o de Cristo nu e o do São Francisco revestido pelo hábito, encontravam-se fixados sobre uma cruz também de madeira com 1,54 m X 1,05 m, tendo-se tornado especialmente evidente a sua degradação, aquando dos recentes temporais.



NOVO NÚMERO DE *CADERNOS C-R*

O novo número dos *Cadernos C-R*, da autoria de Anahí M. Riera, conservadora-restauradora no MAH, aborda o processo de restauro de *Pikelhaube*, capacetes de espigão que integram a Unidade de Gestão de Militaridade do Museu de Angra do Heroísmo. Estes cadernos visam sistematizar os pressupostos científicos subjacentes às ações de conservação e restauro que pautam o quotidiano desta instituição, cujo acervo se caracteriza pelo seu eclétismo.



BENEFICIAÇÃO DO SÍTIO DO MAH

O sítio do MAH passou a incorporar uma secção denominada *Peças com História*, onde podem ser consultadas as narrativas publicadas semanalmente na página do Facebook do MAH, que dão voz a peças do acervo, tornando-as protagonistas de histórias com temáticas ligadas a vários aspetos do quotidiano.

INFORMAÇÕES



MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO
(EDIFÍCIO DE SÃO FRANCISCO | SEDE)
Ladeira de São Francisco
9700-181 Angra do Heroísmo



**NÚCLEO DE HISTÓRIA MILITAR
MANUEL COELHO
BAPTISTA DE LIMA**
Rua da Boa Nova
9700-031 Angra do Heroísmo



**CARMINA | GALERIA DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DIMAS SIMAS LOPES**
Outeiro do Galhardo, 13-A,
Ladeira Grande
970-353 Angra do Heroísmo

HORÁRIO

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO
(Edifício de São Francisco | Sede)

**NÚCLEO DE HISTÓRIA MILITAR
MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA**

Período de inverno: 1 de outubro
e 31 de março

Terça-feira a domingo
e em dias feriados: 9h30 às 17h00
Encerramento às segundas-feiras

**CARMINA GALERIA DE ARTE
CONTEMPORÂNEA DIMAS
SIMAS LOPES**

Terça, quarta e quinta-feira:
9h30-12h00, 13h30-16h00
Sexta-feira e sábado: 17h00-20h00
Encerramento aos domingos,
segundas-feiras e feriados

PRECÁRIO

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO
(Edifício de São Francisco | Sede)

**NÚCLEO DE HISTÓRIA MILITAR
MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA**

Ingresso individual 2.00€

Descontos Fixos:

Crianças até 14 anos: entrada grátis.

Visitas de estudo: entrada grátis.

Jovens entre os 15 e 25 anos: 1.00€

Reformados ou com idade igual ou

superior a 65: 1.00€

Docentes de qualquer grau de ensino:

1.00€

Cartão Jovem Municipal: 1.00€

Grupos de 10 ou mais pessoas: 1.00€

Domingos: entrada gratuita

**CARMINA GALERIA DE ARTE CONTEM-
PORÂNEA DIMAS SIMAS LOPES**

Entrada gratuita

**VISITAS GUIADAS À FORTALEZA
DE SÃO JOÃO BAPTISTA DO MONTE
BRASIL**

Horário

Terças a domingo e feriados:

10h00 – 12h00 e 14h30 – 16h30

Entrada gratuita

Frequência limitada

a 15 pessoas por grupo

CONTATOS

Telefones:

Geral MAH: (351) 295 240 800

Secretariado MAH: (351) 295 240 802

NHMMCBL: (351) 295 218 383

E-mails:

Geral: museu.angra.info@azores.gov.pt

Marcações: [museu.angra.agenda@](mailto:museu.angra.agenda@azores.gov.pt)

azores.gov.pt

ACOMPANHE-NOS TAMBÉM ATRAVÉS...



DO NOSSO SÍTIO OFICIAL

<https://museu-angra.azores.gov.pt>



DO FACEBOOK

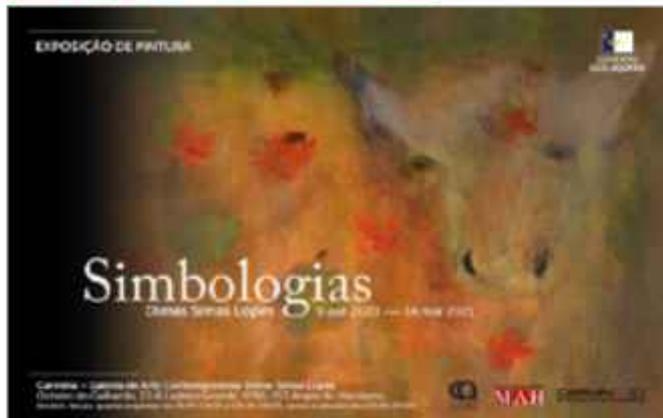
[https://www.facebook.com/
MuseuDeAngraDoHeroismo/](https://www.facebook.com/MuseuDeAngraDoHeroismo/)



DO INSTAGRAM

[@museu.angra](https://www.instagram.com/museu.angra)

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS



SIMBOLOGIAS | PINTURA DE DIMAS SIMAS LOPES

CARMINA | GALERIA DE ARTE CONTEMPORÂNEA DIMAS SIMAS LOPES, ATÉ 29 DE MAIO DE 2021

A exposição *Simbologias | Dimas Simas Lopes* apresenta dois conjuntos de obras, *Breviário Açoriano* e *Sinais da Matéria*, que reúnem telas de grande dimensão espiritual, em que a universalidade de símbolos ancestrais é impregnada por uma vivência regional, criando uma iconografia açoriana fortemente marcada pela presença do Divino.

A sua inauguração, a 9 de outubro, marcou a abertura ao público do novo núcleo museológico do Museu de Angra do Heroísmo, Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes, na sequência da sua doação por Dimas Simas Lopes, anterior proprietário, que, além de artista conceituado na área da pintura e da escultura, se distinguiu pela sua ação ímpar na difusão da Arte Contemporânea.

<https://museu-angra.azores.gov.pt/exposicoes-temp/2020/11-Simbologia/exposicao.html>



EXPOSIÇÕES ITINERANTES



OS PILOTOS DO VENTO DIVINO | MOSTRA DE FATO DE PILOTO KAMIKAZE

AEROGARE CIVIL DAS LAJES, MARÇO A JUNHO DE 2021

Este fato é idêntico aos que foram utilizados por pilotos *kamikaze*, ou seja, pilotos de uma Unidade Especial da Armada Imperial Japonesa, envolvidos em missões suicidas contra navios dos Aliados, de forma a evitar que alcançassem as costas do Japão, durante a fase final da campanha do Pacífico, na Segunda Guerra Mundial.

A origem da palavra *kamikaze*, que em japonês significa vento divino, remonta ao século XIII, quando um tufão dizimou uma frota mongol que pretendia invadir as costas nipónicas, o que foi considerado um sinal de que os deuses protegiam o Japão. Foi doado ao Museu de Angra do Heroísmo pelo General de quatro estrelas Tomás George Conceição Silva, que o adquiriu em S. Francisco (E.U.A.), em 1957. Integra a Unidade de Gestão de Têxteis, Subcoleção de Uniformes Militares.



MOSTRAS



ARTES DE GUERRA | 1

SENHOR DA GUERRA

NÚCLEO DE HISTÓRIA MILITAR MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA

Criada por José Nuno da Câmara Pereira em 2003, aquando da declaração de guerra ao Iraque pelos Estados Unidos da América, então presididos por George W. Bush, esta escultura intitulada "Senhor da Guerra" é, no dizer do crítico de arte José Luís Porfírio, "sobretudo, uma caricatura a três dimensões" que "conserva, hoje em dia, uma renovada actualidade". Patente até janeiro de 2021, no átrio do NHMMCB, integra a Unidade de Gestão de Belas-Artes do Museu de Angra do Heroísmo. José Nuno da Câmara Pereira (1937/2018) é um artista mariense que se notabilizou em termos de arte contemporânea pela sua contínua experimentação ao nível de formatos, técnicas e suportes.

MOSTRAS



VITRINE DE CURIOSIDADES /23
FANTASIA INFANTIL

EDIFÍCIO DE SÃO FRANCISCO | MEMÓRIAS, DE 9 DE MARÇO A 11 DE ABRIL

Esta peça, que pertence à Unidade de Gestão de Têxteis, faz parte de um traje infantil de máscara, executada muito provavelmente em finais do século XIX ou princípios do século XX, a imitar um modelo do reinado Luís XIV, o Rei Sol, constituído por três peças: casaca, colete e calção. A casaca, uma das peças mais importantes da história do traje, era complementada por um colete usado sob a mesma, com mangas e abotoadura de cima a baixo, vestido sobre uma camisa. O calção era usado até aos joelhos e combinado com meias de seda frequentemente brancas. O traje era complementado por um "jobot", uma espécie de babado de renda ou lenço preso ao peito ou ao pescoço.



VITRINE DE CURIOSIDADES /22
MASCARADOS DE VENEZA

EDIFÍCIO DE SÃO FRANCISCO | MEMÓRIAS, 9 DE FEVEREIRO A 7 DE MARÇO

Estas duas peças de cerâmica do século XVIII, pertencentes à Unidade de Gestão Artes Decorativas e Ornamentais do Museu de Angra do Heroísmo, representam dois mascarados de Veneza. O par ostenta uma das mais célebres e antigas máscaras venezianas, a *bauta*, em que a máscara propriamente dita é complementada por um capuz de seda negra a que se junta um tricórnio. Este acessório, cujo uso se julga remontar ao século XI, garantia o anonimato de quem a usava, facultando, durante o período do Carnaval, uma total liberdade individual, já que tornava impossível o julgamento moral por parte da comunidade embrenhada num caos social e festivo.

VISITAS GUIADAS

VISITAS GUIADAS À FORTALEZA DE SÃO JOÃO BAPTISTA DO MONTE BRASIL

HORÁRIO (TERÇAS A DOMINGO E FERIADOS): 10H00 – 12H00 E 14H30 – 16H30

VISITAS GUIADAS

A partir do Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, o percurso inicia-se no Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, onde tem lugar uma explicação prévia, seguindo-se depois para o interior da Fortaleza.

ACESSO GRATUITO

(inclui visita ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima)

Frequência limitada a 15 pessoas por grupo.

Agendamento através do telefone 295 218 383 ou do e-mail museu.angra.info@azores.gov.pt

O Museu de Angra do Heroísmo reserva-se o direito de cancelamento da visita, até trinta minutos antes da mesma, por motivos de ordem meteorológica.

Visitas Guiadas à FORTALEZA DE SÃO JOÃO BAPTISTA DO MONTE BRASIL



ATIVIDADES PARA GRUPOS ESCOLARES E OUTROS



SINAIS DE FOGO

Visita orientada à exposição *Simbologias | Dimas Simas Lopes* em que se explora a dimensão simbólica das obras que compõem as mostras *Sinais da Matéria* e *Breviário Açoriano*, contextualizando-as em termos de simbologia universal e da vivência regional do culto do Divino.
Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.



MASCARADOS

Nesta visita ao MAH, as estatuetas de mascarados de Veneza expostas na *Vitrine de Curiosidades* motivam uma conversa sobre diferentes máscaras, a sua função e implicações, desde as máscaras cerimoniais africanas, passando pelas máscaras de super-heróis e bandidos, até às máscaras que todos hoje nos vimos obrigados a usar.
Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.



QUANDO A TINTA NÃO VINHA EM TUBOS

Oficina de pintura em têmpera, em que as crianças e jovens têm a oportunidade de ficar a conhecer os processos tradicionais usados nas oficinas de pintura, antes de se vulgarizar o uso do óleo, pintando em pequenas tábuas com gema de ovo e pigmentos naturais.
Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.



FAZER POSE

Tirar uma fotografia é hoje um ato comum e quase compulsivo, através do qual registamos ações do quotidiano e eternizamos os rostos daqueles que nos cativam. Antes, tal função estava a cargo dos pintores e só os mais poderosos podiam registar o seu rosto e o daqueles que mais queriam.
Nesta visita orientada, centrada nos retratos de aparato que integram a exposição *Do Mar e da Terra... Uma história no Atlântico*, introduzindo-se conceitos básicos, a nível de materiais, estruturas, motivos e estilos pictóricos.
Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo.



OLH'Ó PASSARINHO

Diz a lenda que o nome do Arquipélago dos Açores advém do avistamento de um milhafre que os descobridores terão confundido com uma águia de asa redonda, conhecida por Açor. Nesta visita à antiga cerca do convento de São Francisco, atual Jardim Duque da Terceira, não vamos de certeza encontrar milhafres, mas, em contrapartida há melros pretos, alvéolas, piscos, pintassilgos e canários da terra, além de muitos pombos, à nossa espera. Vamos olhar bem para eles para aprendermos a conhecer as diferentes espécies e também a diferenciar os machos das fêmeas.
Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo.

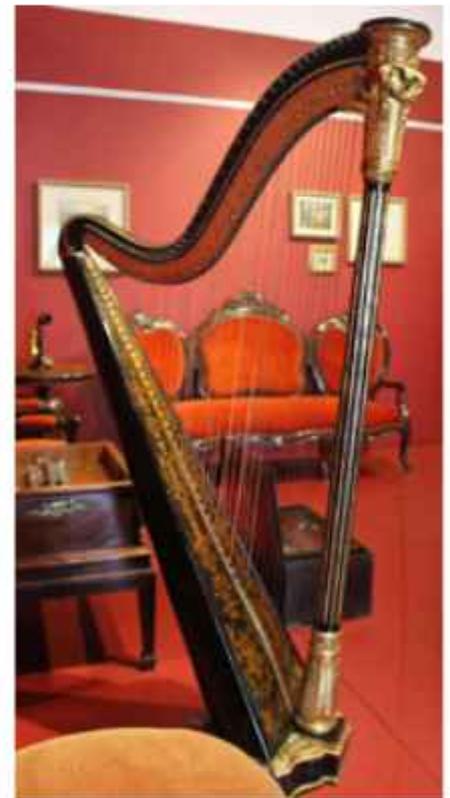
Consultar o sítio do Museu de Angra para aceder a outras ações de dinamização das exposições de longa duração e reservas, passíveis de serem realizadas quando solicitado:
<http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-educativo.html>.
Visitas orientadas e frequência e ateliês dependentes de agendamento prévio, via telefone 295 240 800 ou através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt.



EXPOSIÇÕES DE LONGA DURAÇÃO

**DO MAR E DA TERRA...
UMA HISTÓRIA NO
ATLÂNTICO**

Esta é a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolvendo-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretende aprofundar a cultura e história da Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição. O projeto expositivo parte do papel geoestratégico do arquipélago e articula-se com os planos suprarregionais do país e do Mundo, de forma a abranger outras dimensões tidas como fundamentais para a compreensão da história e cultura desta ilha.



E O AÇO MUDOU O MUNDO... UMA BATERIA SCHNEIDER CANET NOS AÇORES

Na sequência da reformas militares do Exército Metropolitano da transição do século XIX para o século XX, o Governo Português modernizou o armamento de artilharia com a aquisição de peças de tiro rápido. Para o efeito, tinha nomeado uma comissão de oficiais para examinar comparativamente os modelos produzidos nas fábricas Krupp alemã e Schneider francesa. Esta comissão optou pelo modelo 75 francês, por considerá-lo

“o mais perfeito e mais completo de todos os que tiveram ocasião de ver e apreciar”, tendo sido adquiridas, em 1904, 32 baterias (128 peças) m/904 para Artilharia Montada e 4 baterias (16 peças) m/906 para Artilharia a Cavalho, das quais fazem parte as peças que integram o acervo do MAH. Produto da tecnologia do aço e da inovação dos sistemas hidropneumáticos de absorção do recuo, as peças 7,5 cm Tiro

Rápido (TR) da fábrica Schneider Frères & Cie., adquiridas por Portugal, foram decisivas na vitória republicana de 5 de Outubro de 1910 e no desenrolar da Grande Guerra, com as peças modelo 75 francesas equipando parte das forças aliadas, entre elas o Corpo Expedicionário Português (CEP) enviado para França para intervir neste conflito. Já no contexto 2ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, as peças 7,5 cm TR m/904-06 e as m/917 Schneider-Canet (estas últimas trazidas pelo CEP) foram distribuídas pelas ilhas de S. Miguel, Terceira e Faial. Na ilha Terceira, a bateria de 7,5 cm TR, mobilizada a partir do Regimento de Artilharia Ligeira Nº 1 (Évora), incorporou a 1ª Bateria de Artilharia Ligeira, tendo tomando posição na Praia da Vitória, operando como artilharia de costa. A partir de 1943, é posicionada na Nasce Água, em Angra do Heroísmo, operando em apoio directo aos vários sectores conforme as necessidades operacionais. A bateria 7,5 cm TR Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo é a única completa em instituições museológicas, incluindo os arreios m/1917, os armões de tração, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate.



PORTUGAL OS AÇORES E A GRANDE GUERRA 1914-1918

Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores no que na época se convencionou designar pela «Grande Guerra». A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos e fotográficos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim da guerra e o que os jornais locais noticiavam sobre a sua evolução. Os países participantes na guerra são identificados através dos capacetes e objetos militares como armas, máscaras antigas, lanternas, sistemas de comunicação, imagens e sons que sugerem o ambiente e o quotidiano da guerra. É dado um destaque particular a personalidades como o Tenente-coronel José Agostinho e o Tenente Carvalho Araújo.





RESERVA VISITÁVEL DE TRANSPORTES DE TRACÇÃO ANIMAL DOS SÉCULOS XVIII E XIX

No espaço do antigo refeitório conventual decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX. Planeie um passeio demorado para melhor conhecer toda a diversidade apresentada.

RESERVA VISITÁVEL DE ESPÉCIES EM PEDRA

Os Açores são um território de rochas ígneas ou magmáticas, de natureza vulcânica, algumas com vários milhões de anos (Ma) e outras com escassas centenas, já originadas no período da sua ocupação humana.

Transfigurados em objetos culturais, estes materiais transformam-se em testemunhos de cultura, espelho de vivências, costumes e necessidades.

A Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo reúne materiais variados que ilustram quotidianos do passado da ilha desde os primórdios do seu povoamento. Pedras tumulares e brasões, uma grande variedade de elementos arquitetónicos de antigos edifícios privados e religiosos e equipamentos próprios das atividades domésticas (pias, mós, filtros...) são algumas das peças que aqui se podem observar. Curiosidades como uma lápide do século XV, provavelmente a mais antiga conhecida nas ilhas açorianas, lajes tumulares da comunidade protestante do princípio do século XIX na Ilha Terceira e brasões municipais de meados do século XX, que não chegaram a ser utilizados, aguardam a sua visita.





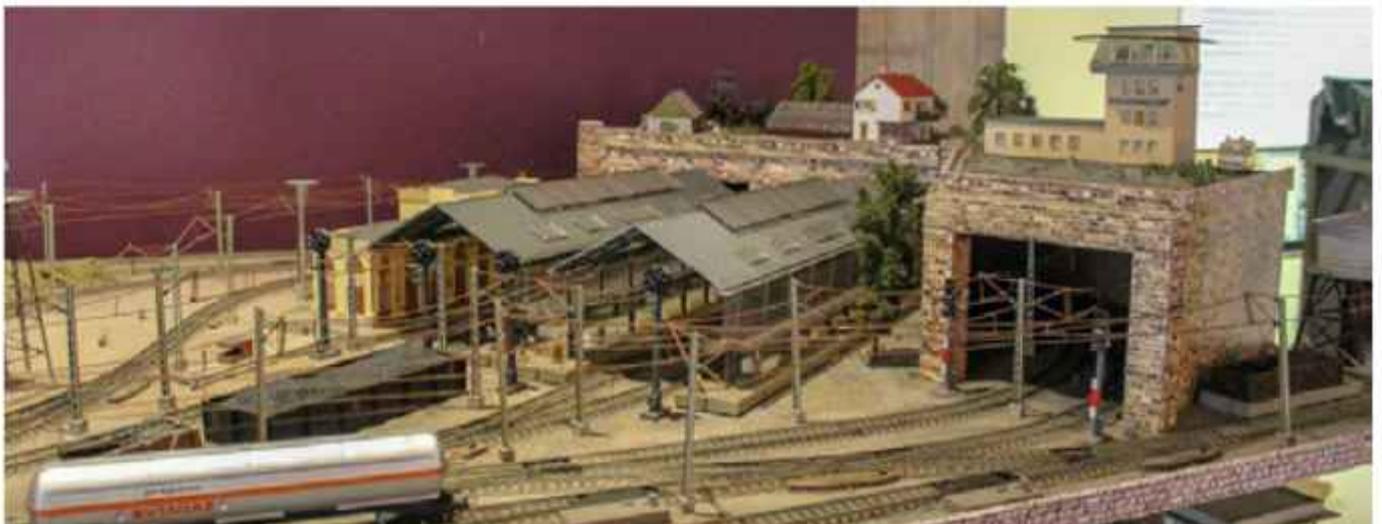
EDIFÍCIO DE S. FRANCISCO | MEMÓRIAS

Na sala junto à receção deste Museu, por onde o visitante normalmente inicia o percurso de descoberta das exposições, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, sob o título *Edifício de S. Francisco | Memórias*. Esta história começa com o povoamento e com a instalação junto à Ribeira dos Moinhos dos religiosos franciscanos em casas doadas por Afonso Gonçalves d'Antona Baldaia, o *Velho de S. Francisco*, e chega até hoje com a atividade desenvolvida por este Museu.



SALA FREDERICO VASCONCELOS

A Sala Frederico Vasconcelos homenageia a Família Vasconcelos, que, desde o último quartel do século XVIII até aos nossos dias, criou e desenvolveu negócios em variadíssimas áreas do comércio e da indústria com relevância no tecido económico local e regional, alguns dos quais ainda subsistem. Paralelamente, assume-se como um apontamento da história da Revolução Industrial possível nos Açores, vista através dos modos de ser e estar de uma família, do seu sentido de oportunidade e das mudanças de percurso dos seus investimentos que refletem os fluxos e refluxos do pulsar ilhéu.





IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GUIA

A Igreja de Nossa Senhora da Guia, anexa ao Edifício de São Francisco, é um exemplo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (plain style), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas.

Ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir, ainda no século XV, com o mesmo orago, pelo capitão Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da Ilha junto à sua moradia. Lugar-tenente de Álvaro Martins Homem, acompanha-o quando este toma posse da Capitania da Praia, em 1474, doando a casa aos primeiros frades franciscanos que para aqui vieram, tendo a capela passado a servir como igreja conventual.

Na carta de J.H. Van Linschoten, figura já uma edificação remodelada e acrescentada no século XVI, que alguns vestígios arqueológicos encontrados nos alicerces e em outras estruturas do atual edifício permitem concluir ter características manuelinas.

Edificado entre 1666 e 1672, o templo agora existente tem três naves: a central, que termina na capela-mor; a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia; e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da "mercearia" instituída por André Gomes em 1522.

Na sacristia, aberta ao público em 2018, depois de obras de restauro efetuadas por técnicos afetos à Divisão do Património Material e Imaterial e Arqueológico da Direção Regional da Cultura, há a salientar, além de um teto de caixotão em talha dourada e policromada, centrado com as armas de São Francisco, um magnífico arcaz de madeira de jacarandá, atribuído a Mestre Manoel de Almeyda (c. 1745), onde se apresenta um crucifixo com um cristo em marfim de origem indo-portuguesa e quatro braços-relicários. Destaque ainda para um fontanário, datado de 1722, com trabalho de alto relevo em pedra, flanqueado por colunas salomónicas.

Sobre a galilé e parte da nave central, encontra-se o coro alto, cujas paredes estão revestidas, acima do cadeiral, por um rico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, sendo a composição dos respetivos desenhos constituída por elementos da hagiografia franciscana de fabrico de oficina lisboeta.

Junto ao coro, encontra-se um órgão, datado de 1788 e com o n.º 22, o mais antigo existente nos Açores da autoria de António Xavier Machado Cerveira, um dos maiores mestres organeiros portugueses.

NÚCLEO DE HISTÓRIA MILITAR MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA

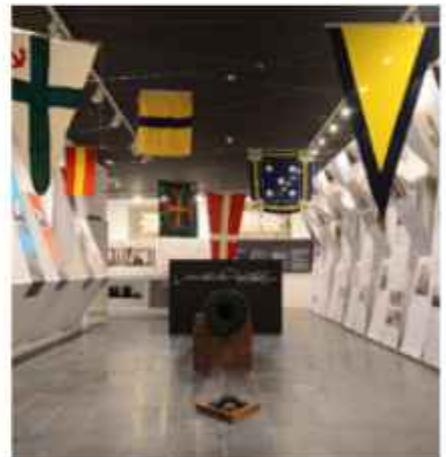


O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova, acolhe a notável Coleção de Militaria do Museu de Angra do Heroísmo, sendo o único museu português não integrado no Ministério da Defesa subordinado a esta temática, em que estão representados os três ramos das Forças Armadas nacionais e estrangeiras.

Anteriormente repartida por vários núcleos e reservas, dado a diversidade, volume e quantidade das peças que a constituem, esta coleção é trazida ao público através de três exposições temáticas de longa duração, que, a par de uma explanação da evolução e funcionalidade das armas e de um convite à reflexão sobre as grandes questões éticas, morais e sociais inerentes aos conflitos bélicos, documentam a personalidade e vivências pessoais do patrono e a história do próprio edifício.

Composto por peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, projéteis, equipamento de logística, arreios, uniformes e condecorações, este acervo, na sua maior parte acomodado em reservas concebidas em obediência à tipologia dos diferentes materiais, reflete o interesse pela área militar e o espírito colecionista do primeiro diretor do Museu de Angra do Heroísmo, Manuel Coelho Baptista de Lima, que, durante mais de três décadas, garantiu por várias vias o seu enriquecimento.

O antigo Hospital Militar da Boa Nova é uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Baptista.



NÚCLEO DE HISTÓRIA MILITAR MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA**OS HOMENS, AS ARMAS E A GUERRA: DA FLECHA AO DRONE**

Esta exposição de longa duração remete para a evolução das armas em articulação com a história da humanidade, organizando-se em cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, tornando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente. O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfragística, documentos gráficos e de belas artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.

MEMÓRIA E NOVIDADE: MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA E O PATRIMÓNIO AÇORIANO

A exposição *Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano* visa historiar o desempenho deste intelectual angrense, referenciando a sua intenção de construir um discurso identitário e uma memória açoriana, dissonantes do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, e evidenciando o seu contributo para a utilização, no arquipélago, de novos modelos europeus de gestão e defesa patrimonial, que vão marcar a génese da ação pública regional nesta área.

**O HOSPITAL REAL DA BOA NOVA**

Sob este título, reúnem-se as memórias de uso do edifício que terá sido, tanto quanto se conhece, um dos mais antigos, senão o mais antigo hospital militar do mundo, já que, até então, os doentes civis e militares tendiam a misturar-se nas instalações existentes.

Tendo a sua raiz primeira no hospital de campanha trazido por D. Álvaro de Bazan, aquando da conquista da ilha Terceira, em 1583, o edifício filipino desenvolveu-se alinhado com a capela de Nossa Senhora da Boa Nova e crescendo, nos tempos de D. José I, com uma ampla enfermaria nova.

Os modos de ver a doença e a saúde, na sua relação com o sagrado e com as mezinhas e tratamentos arcaicos, bem como as memórias do que aconteceu neste edifício secular, são revisitados em painéis e peças, na antiga capela e sacristia anexa, recordando a assinatura da rendição espanhola, em 1642, após um memorável cerco de onze meses, mantido pela população e milícias da ilha Terceira, com auxílio das de outras ilhas dos Açores; a pregação de António Vieira, em 1654; a figura do cronista maior da Terceira, Manuel Luís Maldonado (1644-1711), autor da *Fenix Angrense* e administrador do hospital, que aqui está sepultado; e a instalação, durante algum tempo, do prelo inglês com que foi inaugurada a imprensa nos Açores.